

Perfil de uso de medicamentos e automedicação, em uma população universitária, frente a pandemia da Covid-19

Profile of use of medicines and self-medication, in a university population, in front of Covid-19 pandemic

DOI:10.34117/bjdv7n7-516

Recebimento dos originais: 23/06/2021

Aceitação para publicação: 23/07/2021

Eder Aleksandro Andrade

Acadêmico do Curso de Farmácia do Centro Universitário Ingá – PR
Instituição: Centro Universitário Ingá – UNINGÁ.
Endereço: Rod. PR 317, 6114, Maringá – PR.
E-mail: ederandradealek@gmail.com

Vanessa Generale Moreno

Acadêmica do Curso de Farmácia do Centro Universitário Ingá – PR
Instituição: Centro Universitário Ingá – UNINGÁ.
Endereço: Rod. PR 317, 6114, Maringá – PR.
E-mail: vanessa_generali@hotmail.com

Mariana Aparecida Lopes-Ortiz

Doutora em Biociências e Fisiopatologia
Instituição: Universidade Estadual de Maringá
Endereço: Av. Colombo, 5790, Maringá - PR
E-mail: lopes.a.mariana@gmail.com

RESUMO

No final de 2019, na China, iniciou-se um surto, provocado pelo vírus Sars-CoV-2, que já matou mais de 3 milhões de pessoas em todo o mundo, conhecido como pandemia da COVID-19. Muitas pessoas, nesse cenário estão aderindo à automedicação, fazendo uso de medicamentos que “supostamente” poderiam prevenir uma infecção pelo vírus, minimizar a gravidade da doença ou até mesmo curar casos mais graves. Medicamentos sem comprovação científica para o Sars-Cov2, estão sendo divulgados e utilizados de forma equivocada como a cloroquina, hidroxicloriguina, azitromicina, ivermectina, corticóides e vitaminas, que além de não ter comprovação científica podem gerar sérios efeitos adversos. Portanto, a automedicação é um problema de saúde pública, que afeta uma grande parcela da população, sendo assim, o objetivo desse trabalho foi avaliar o perfil de uso de medicamentos, em uma população universitária, frente a Pandemia da Covid-19. O estudo foi observacional, através de um questionário enviado pela plataforma Google Forms, de forma aleatória, onde se obteve um total de 59 entrevistados. As respostas foram salvas e gerados gráficos estatísticos no programa. Obteve-se um total de 59 acadêmicos que responderam a pesquisa, onde 84,75% deles afirmaram que realizam a automedicação e muitos informaram acreditar nos medicamentos sem eficácia comprovada, inclusive alguns fizeram uso, que estão sendo divulgados pela mídia e pelo meio político.

Palavras-Chave: COVID-19, Pandemia, Automedicação, População Universitária.

ABSTRACT

In late 2019, in China, an outbreak started, caused by the Sars-CoV-2 virus, which has killed more than 3 million people worldwide, known as the COVID-19 pandemic. Many people, in this scenario, are adhering to self-medication, using medication that “supposedly” could prevent a virus infection, minimize the severity of the disease or even cure more severe cases. Medicines without scientific proof for Sars-Cov2 are being disclosed and used in a wrong way, such as chloroquine, hydroxychloric acid, azithromycin, ivermectin, corticoids and vitamins, which, in addition to not having scientific proof, can generate serious adverse effects. Therefore, self-medication is a public health problem that affects a large portion of the population, therefore, the objective of this study was to evaluate the profile of medication use in a university population, facing the Covid-19 Pandemic. The study was observational, through a questionnaire sent randomly by the Google Forms platform, where a total of 59 respondents were obtained. The answers were saved and statistical graphics generated in the program. There was a total of 59 academics who responded to the survey, where 84.75% of them said they perform self-medication and many reported believing in drugs without proven efficacy, including some used, which are being publicized by the media and the political environment.

Keywords: COVID-19, Pandemic, Self-Medication, University Population.

1 INTRODUÇÃO

No final de 2019, na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, teve início um surto que já matou mais de três milhões de pessoas em todo o mundo (SENHORAS, 2020; SEGATA, 2020). Inicialmente, devido a complicações respiratórias, a doença foi associada a uma pneumonia de causa desconhecida, onde uma parte dos infectados desenvolviam uma síndrome respiratória aguda grave, muitas vezes irreversível, levando ao óbito, associada ao coronavírus conhecido por Sars-Cov2, que desencadeia a doença denominada de COVID-19 (DA SILVA et al., 2020).

Muitas pessoas, nesse cenário de pandemia, estão aderindo à automedicação, que por definição ocorre quando uma pessoa, por iniciativa própria ou de seu responsável, utiliza um produto com a intenção de trazer algum tipo de benefício na melhora de um quadro de saúde, seja uma doença ou o alívio de algum desconforto, sendo que não houve a prescrição deste medicamento por um profissional da saúde habilitado, o que pode trazer sérios prejuízos a saúde do paciente (ZANINI, 1988; SECOLI et al., 2019).

A automedicação nesse contexto de pandemia está associada especialmente a medicamentos que “supostamente” poderiam prevenir uma infecção pelo vírus, minimizar a gravidade da doença ou até mesmo curar casos mais graves. Medicamentos sem comprovação científica para o Sars-Cov2, estão sendo divulgados e utilizados de forma equivocada e dentre os mais utilizados e comentados estão a cloroquina,

hidroxicloriquina, azitromicina, ivermectina, corticóides e vitaminas (SILVA et al., 2020, OLIVEIRA; MORMINO, 2020; XAVIER et al., 2020, DO NASCIMENTO et al., 2020; SILVA; BATISTA, 2020).

O profissional farmacêutico é o responsável pela cedência, ou seja, pela dispensação do medicamento, seja ele controlado ou não, ele também é responsável por instruir a tomada correta desse (GOMES, 2020). O problema acontece quando as pessoas não aderem a prescrição médica e realizam automedicação, constituindo um fator de risco para intoxicação. Geralmente as pessoas acabam realizando a combinação inadequada de certas substâncias, essas podem atrapalhar o diagnóstico de doenças mais graves, como a infecção pelo Sars-Cov2. A divulgação constante de medicamentos que seriam, de forma equivocada, terapêuticos a infecção da COVID-19 levou a um aumento crescente na automedicação dos fármacos citadas no parágrafo anterior (CARDOSO; SILVA; RAMINELLI, 2020).

Portanto, a automedicação é um problema de saúde pública, que afeta uma grande parcela da população (FILLER et al., 2020). Os jovens e adultos, em especial os universitários, correspondem a uma parcela significativa das pessoas que realizam a automedicação. Dessa forma, o objetivo desse trabalho foi avaliar o perfil de uso de medicamentos, em uma população universitária, frente a Pandemia da Covid-19.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O presente trabalho foi realizado através da aplicação de um questionário que consistiu na obtenção de dados abordando o perfil de uso de medicamentos e automedicação, em uma população universitária, frente a pandemia da COVID-19. O presente trabalho foi aprovado pelo comitê de ética do Centro Universitário Ingá, parecer nº 4.792.334.

O questionário consistiu de perguntas objetivas e discursivas, onde os entrevistados informaram o sexo, idade, curso que realizavam, se já tiveram COVID-19, se fora do contexto da pandemia o universitário costumava de automedicar e quais medicamentos costumava fazer uso, se durante a pandemia eles aumentaram o uso de medicamentos, quais medicamentos acreditam ser eficazes e qual utilizaram, também foi questionado se os acadêmicos acreditavam na eficácia de medicações que ainda não foram indicadas para o tratamento da COVID-19.

Os questionários foram enviados através de um link da plataforma Google Forms, onde se obteve um total de 59 entrevistados.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Responderam ao questionário um total de 59 acadêmicos, todos da área da saúde, sendo 31 (52,54%) do curso de Farmácia, 26 (44,07%) do curso de Biomedicina e 2 (3,39%) do curso de Medicina. Desses entrevistados, prevaleceu o sexo feminino, com 50 participantes, ou seja, 84,75% e apenas 15,25% eram do sexo masculino. Em outros trabalhos que investigam acadêmicos da saúde, o sexo feminino prevaleceu, provavelmente devido ao maior número de mulheres que realizam graduação nessa área (DE PAULA et al., 2014; GONTIJO; ZAMPIERON, 2019; DOS SANTOS et al., 2021).

A idade dos entrevistados variou conforme apresentado na Tabela 1. A prevalência ocorreu entre as idades de 17 a 21 anos, com 54,24%, em seguida de acadêmicos entre 22 a 26 anos, com 23,73%. Esse fato se deve ao público entrevistado, já que são acadêmicos, com resultados compatíveis a outros trabalhos onde se entrevistou acadêmicos da saúde (SOUZA et al., 2017; LEÃO et al., 2018; BERNARDES et al., 2020).

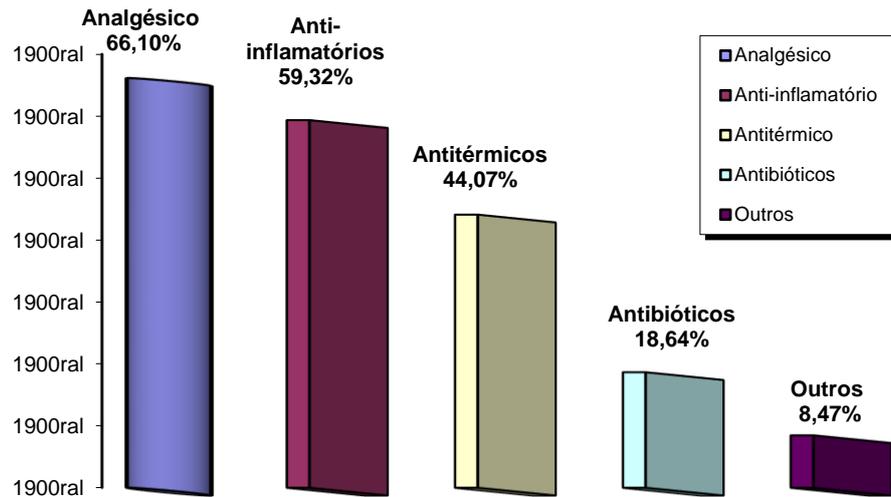
Tabela 1. Número de acadêmicos que responderam ao questionário por faixa etária.

Faixa etária	Quantidade de acadêmicos	Porcentagem
17 a 21 anos	32 pessoas	54,24%
22 a 26 anos	14 pessoas	23,73%
27 a 31 anos	5 pessoas	8,47%
32 a 36 anos	4 pessoas	6,78%
≥ 37 anos	4 pessoas	6,78%

Fonte: os autores

A primeira questão foi para avaliar se os acadêmicos já tiveram COVID-19, onde 22,03% responderam que sim e 77,97% responderam que não. Fora do contexto da pandemia, 84,75% dos entrevistados afirmaram ter o hábito de se automedicar. A automedicação ocorre quando uma pessoa faz uso de medicação, sem prescrição, com o intuito de obter um alívio rápido dos sintomas (DOMINGUES et al., 2017). Em outros trabalhos foi possível perceber que é elevada a porcentagem de automedicação entre os acadêmicos da saúde, com resultados que chegaram a 96,56%, 93,5% e 99,51% entre acadêmicos de medicina, biomedicina e farmácia, respectivamente (TOGNOLI et al., 2017; HOCK et al., 2017; LIMA et al., 2018).

Figura 1. Porcentagem dos medicamentos que os acadêmicos costumam fazer uso como automedicação.



Fonte: os autores

Na Figura 1 é possível observar os medicamentos que os acadêmicos responderam fazer uso, sem prescrição e fora do contexto da pandemia. A maioria informou fazer uso de analgésicos, com 66,10% das respostas, seguido pelo uso de anti-inflamatórios com 59,32%, antitérmicos com 44,07%, antibióticos com 18,64% e outros medicamentos com 8,47%. Em um estudo realizado por Sousa e Sena (2017), foi observado a prevalência de anti-inflamatórios, com 57,89% e em segundo lugar os analgésicos com 31,58%. Em outro estudo realizado na cidade de Fortaleza – Ceará, os medicamentos mais utilizados entre os acadêmicos de farmácia foram os analgésicos com 41,96%, e anti-inflamatórios com 21,13% (LIMA et al., 2018). Semelhante também ao evidenciado por Domingues et al. (2017), onde entre os acadêmicos da saúde, a automedicação de analgésicos predominou, com 56,5%, seguido pelos anti-inflamatórios com 20,9%.

Durante a pandemia da COVID-19, foi intensa a propagação de informações sobre medicamentos que estavam sendo estudados como forma de tratamento ou prevenção da doença, isso acarretou no uso indiscriminado dessas medicações, em especial a cloroquina, hidroxicloroquina e ivermectina (GOMES et al., 2020). Dentre os entrevistados, 20,34% relataram ter aumentado a prática da automedicação durante da pandemia.

Uma das questões abordava sobre medicamentos utilizados na prevenção da COVID-19. Para isso, foi disponibilizado 6 medicamentos e/ou vitaminas, comentados pela mídia como forma de prevenção da COVID-19, onde os acadêmicos poderiam marcar uma ou mais alternativas, informando se eles acreditavam que esses eram eficazes

na prevenção da doença. O termo utilizado para abordar essas informações, não comprovadas, em resposta a uma situação como a pandemia da COVID-19 é “infodemia” (MELO et al., 2021).

Do total de entrevistados, 52,54% informaram que realizaram a automedicação com um, ou mais, dos seguintes medicamentos: Ivermectina; Cloroquina/Hidroxicloroquina; Vitamina D; Vitamina C; Azitromicina e Dexametasona. De acordo com a Tabela 2, é possível observar os medicamentos que os acadêmicos acreditam ser eficazes na prevenção da COVID-19, bem como a porcentagem de cada um e se eles utilizaram ou não esses como forma de prevenção da doença.

Tabela 2. Medicamentos divulgados pela mídia como forma de prevenção da COVID-19 e as respectivas quantidades de acadêmicos que acreditam na eficácia dos mesmos e daqueles que os utilizaram para prevenção da COVID-19.

Medicamento	Número de acadêmicos que acreditam na eficácia para COVID-19	Número de acadêmicos que utilizaram para prevenção da COVID-19.
Ivermectina	22,03%	35,59%
Cloroquina/Hidroxicloroquina	13,56%	0%
Vitamina D	47,46%	23,73%
Vitamina C	42,37%	18,64%
Azitromicina	18,64%	8,47%
Dexametasona	10,17%	3,39%

Fonte: os autores.

É possível perceber que a Ivermectina foi a mais utilizada, com 35,59%, o maior percentual encontrado na pesquisa. A porcentagem de acadêmicos que acreditam nela como forma de prevenção é de 22,03%, ou seja, menor do que a quantidade que utilizaram. A ivermectina é um análogo semissintético da avermectina B_{1a} (conhecida como abamectina) que é utilizada em plantações para controle de pragas. Atualmente e comprovadamente, a ivermectina é utilizada para controlar e tratar infecções por nematódeos parasitários e artrópodes, classificado como anti-helmíntico oral, cuja dose recomendada é de uma dose única de 200 µg/Kg, podendo ser repetida uma semana após a primeira dose, onde crianças menores de 15 kg não devem utilizar (HILAL-DANDAN; BRUNTON, 2015).

Alguns estudos avaliando a atividade antiviral in vitro da ivermectina, foram utilizados para divulgar informações tendenciosas, com o intuito de mostrar que a ivermectina possa ser usada como forma de prevenção da COVID-19, o que fez a automedicação aumentar, bem como a venda desses medicamentos, cuja ivermectina teve

um aumento nas vendas de 829% quando comparado o ano de 2019 para 2020 (MELO et al., 2020). Entretanto, essa medicação tem um potencial neurotóxico e atividade hepatotóxica, mesmo com uma pequena fração, capaz de induzir necrose hepática, principalmente quando associado a cloroquina, hidroxicloroquina e azitromicina, o que foi amplamente divulgado no Brasil como “kit-covid” (TELBISZ et al., 2020; DE FREITAS SILVA; DE JESUS; RODRIGUES, 2021; SANTOS-PINTO; MIRANDA; OSORIO-DE-CASTRO, 2021).

Um total de 13,56% dos acadêmicos informaram que acreditam que a cloroquina e/ou hidroxicloroquina seja eficiente como forma de prevenção da COVID-19, mas todos os 59 entrevistados informaram não ter feito uso desse no contexto na pandemia. A cloroquina e hidroxicloroquina são medicamentos utilizados no tratamento da malária, doenças reumatológicas e lúpus (IMOTO et al., 2020; DE FREITAS SILVA; DE JESUS; RODRIGUES, 2021). Entretanto, devido a divulgação de informações sobre estudos envolvendo a cloroquina e hidroxicloroquina como tratamento para a COVID-19, teve-se um aumento expressivo nas vendas desse fármaco, em 2019 foi vendido 55 milhões de caixas contra 91,6 milhões de caixas no ano de 2020 (MELO et al., 2020).

Os acadêmicos também relataram fazer uso de Azitromicina durante a pandemia, onde 18,64% dos entrevistados acreditavam que é um medicamento eficaz contra a COVID-19 e 8,47% deles informaram ter feito uso como forma de prevenção. Azitromicina é um antibiótico da classe dos macrolídeos, cuja característica principal dessa classe é sua estrutura, com a presença de um anel de lactona, em que a azitromicina é obtida de forma semi-sintética (RANG et al., 2016). Esse fármaco é utilizado em algumas doenças pulmonares e da bronquite viral, apresentando, além da ação antibacteriana, ação anti-inflamatória, antineutrofílica e antiviral (SOLÉ; MATSUMOTO; WANDALSEN, 2020). Devido suas ações, algumas pesquisas incluíram a azitromicina no tratamento de pacientes de COVID-19, principalmente pela sua ação antiviral, inibindo a replicação viral, fazendo com que as vendas dessa elevassem em 30,8%, durante a pandemia (MENEZES; SANCHES; CHEQUER, 2020; MELO et al., 2020).

A automedicação com vitaminas também aumentou durante a pandemia, em especial a vitamina C e D, já que essas completam o protocolo do “kit COVID” (MELO et al., 2020). Dentre os acadêmicos entrevistados, 42,37% deles acreditam que a vitamina C seja eficaz na prevenção contra a COVID-19, onde 18,64% deles afirmaram ter feito uso como forma de prevenção. No caso da vitamina D, a porcentagem foi maior, 47,46%

dos acadêmicos acreditam nela como sendo eficaz na prevenção e 23,73% afirmaram ter feito o uso durante a pandemia.

Em alguns estudos realizados em pacientes infectados pelo Sars-CoV-2, a vitamina C se mostrou eficiente, devido sua capacidade antioxidante, auxiliando na eliminação de radicais livres, possuindo propriedades antivirais e anti-inflamatórias. Ela também auxilia na eliminação do excesso de líquido alveolar, proveniente do acúmulo de neutrófilos, reduzindo os danos provocados pela destruição excessiva que o sistema imune tende a causar nos casos de infecção, sendo positiva para os pacientes em estado grave de COVID-19 (HERNANDEZ et al., 2020; SOARES et al., 2021). O colicalciferol, popularmente conhecido como vitamina D, é um hormônio que atua na regulação fisiológica do corpo, ou seja, na homeostase (REBELO-MARQUES et al., 2017). Alguns estudos foram realizados em pacientes acometidos pelo Sars-CoV-2, obtendo-se desfecho favorável, já que ela atua diretamente no sistema imune, reprimindo uma resposta imune exacerbada (CASTILLO et al., 2020; SULLI et al., 2021; PENA et al., 2021).

Dexametasona é um fármaco pertencente a classe dos glicocorticóides exógenos, que quando administrado inibe a ação inata e adaptativa do sistema imune, de forma muito eficiente (RANG et al., 2016). Nas formas graves, a COVID-19 gera uma cascata inflamatória, elevando os níveis de citocinas inflamatórias, leucócitos, plaquetas e fibrinas, provocando uma exsudação de líquidos alveolar, impedindo as trocas gasosas (MENDES et al., 2020). Dessa forma a intenção da administração da dexametasona seria na supressão dessa resposta imune, em casos graves e não como uma forma de prevenção da COVID-19, já que suprimindo o sistema imune, teoricamente, a carga viral poderia aumentar (TOMAZINI et al., 2020).

Dentre os acadêmicos entrevistados, 10,17% acreditam que a dexametasona seria eficaz na prevenção da COVID-19 e 3,39% afirmaram ter usado esse como forma de prevenção da doença. Na área da saúde, o uso de corticosteroides é bastante estudado, bem como seus efeitos adversos, o que pode ter gerado a baixa adesão a esse como forma de prevenção e tratamento da COVID-19. Os efeitos adversos mais conhecidos são a supressão da resposta a infecções ou lesões, síndrome de Cushing, osteoporose, hiperglicemia, desgaste muscular, glaucoma, hipertensão e depressão (RANG et al., 2016).

Durante a pesquisa, também foi questionado se os acadêmicos fizeram uso de algum outro medicamento como forma de prevenção da COVID-19, onde 8,47% deles responderam que sim. Os fármacos relatados foram a azitromicina, prednisona, vitamina

C, vitamina D e zinco. A azitromicina e as vitaminas já foram abordadas na pesquisa e a prednisona entra na classe dos corticosteroides. O zinco é um mineral que atua como anti-inflamatório, atuando nos sistemas de defesa antioxidante, atuando na proliferação e maturação das células de defesa (CARVALHO et al., 2020).

Foi questionado se os acadêmicos acreditavam que as medicações abordadas no trabalho não poderia trazer prejuízo a saúde, já que eram utilizadas em outras doenças, para essa pergunta, 35,59% dos acadêmicos responderam que sim, portanto acreditavam que era seguro o uso dessas medicações. Ainda, 47,46% dos entrevistados responderam que conheciam algum efeito colateral que as medicações poderia causar.

4 CONCLUSÃO

Portanto, dentro do ambiente acadêmico, é possível perceber que os universitários realizam frequentemente a automedicação, devendo haver um pouco mais de cautela quando realizam essa prática, principalmente, quando se refere a medicações sem eficácia científica confirmada e que podem ocasionar sérios efeitos colaterais.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Helena Cardoso et al. Perfil epidemiológico de automedicação entre acadêmicos de medicina de uma universidade pública brasileira. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 4, p. 8631-8643, 2020.

CALY, Leon et al. The FDA-approved drug ivermectin inhibits the replication of SARS-CoV-2 in vitro. **Antiviral Research**, v. 178, p. 104787, 2020.

CARDOSO, Claudinice Silva De Jesus; SILVA, Alessandra Gomes; RAMINELLI, Ana Claudia Pompeo. Título: Automedicação em Tempos De Pandemia Mundial. In: **Biológicas E Saúde**. 2020.

CARVALHO, Maria do Carmo de et al. Zinco, vitamina D e sistema imune: papel na infecção pelo novo coronavírus. **Revista Da Faesf**, v. 4, 2020.

CASTILLO, Marta Entrenas et al. Effect of calcifediol treatment and best available therapy versus best available therapy on intensive care unit admission and mortality among patients hospitalized for COVID-19: A pilot randomized clinical study. **The Journal Of Steroid Biochemistry And Molecular Biology**, v. 203, p. 105751, 2020.

DA SILVA MARTINUCCI, Oseias et al. Dispersão da Covid-19 no Estado do Paraná. **Hygeia-Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde**, p. 251-262, 2020.

DA SILVA, Davi Porfirio; DOS SANTOS, Igor Michel Ramos; DOS SANTOS MELO, Viviane. Aspectos da infecção ocasionada pelo Coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 (SARSCoV-2)/Aspects of Coronavirus infection caused by Severe Acute Respiratory Syndrome 2 (SARSCoV-2). **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 2, p. 3763-3779, 2020.

DE FREITAS SILVA, Alícia; DE JESUS, Jefferson Silva Pinho; RODRIGUES, Juliana Lima Gomes. AUTOMEDICAÇÃO NA PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 4, p. 938-943, 2021.

DE SOUSA, Letícia Abreu; DE ANDADE SENA, Camila Filizzola. Automedicação entre universitários dos cursos de graduação na área da saúde na FCV-Sete Lagoas: influência do conhecimento acadêmico. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, v. 5, n. 1, 2017.

DO AMARAL TOGNOLI, Thais et al. Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis–São Paulo. **Journal of Health & Biological Sciences**, v. 7, n. 4 (Out-Dez), p. 382-386, 2019.

DO NASCIMENTO ANTONIO, Maria Vitória et al. Tempestade de citocinas na COVID-19. **Ulakes Journal Of Medicine**, v. 1, 2020.

DOMINGUES, Maria Paula Santos et al. Automedicação entre os acadêmicos da área de saúde. **Visão Acadêmica**, v. 18, n. 2, 2017.

DOS ANJOS DE PAULA, Juliane et al. PREVALÊNCIA E FATORES ASSOCIADOS À DEPRESSÃO EM ESTUDANTES DE MEDICINA. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 24, n. 3, 2014.

DOS SANTOS, Nadja Maria et al. Prevalência de depressão em acadêmicos de saúde e fatores associados. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 1, p. 7644-7657, 2021.

FILLER, Luiz Nison et al. Caracterização De Uma Amostra De Jovens E Adultos Em Relação À Prática De Automedicação. **Psicologia E Saúde Em Debate**, v. 6, n. 2, p. 415-429, 2020.

GOMES, Ana Sofia de Jesus Matias. **Relatório De Estágio Realizado Na Farmácia Aliança**. 2020.

GOMES¹, Alan Hílame Diniz et al. RISCOS DA AUTOMEDICAÇÃO NA PANDEMIA POR COVID-19: O DILEMA ENTRE INFORMAÇÕES MUDIÁTICAS E CIENTÍFICAS. **Copyright© Editora Amplla** Editor Chefe: Leonardo Pereira Tavares, 2020, p. 40.

GONTIJO, L. C. A.; ZAMPIERON, R. G. **Perfil da automedicação em acadêmicos da área da saúde de uma instituição de ensino superior de Sinop-MT**. 2019.

HERNANDEZ, Alfonso et al. Dos terapias conocidas podrían ser efectivas como adyuvantes en el paciente crítico infectado por COVID-19. **Revista Española de Anestesiología y Reanimación**, v. 67, n. 5, p. 245-252, 2020.

HILAL-DANDAN, Randa; BRUNTON, Laurence. **Manual de farmacologia e terapêutica de Goodman & Gilman**. AMGH Editora, 2015.

IMOTO, Aline Mizusaki et al. Cloroquina e Hidroxicloroquina no tratamento da COVID-19: Sumário de Evidências. **Comunicação em Ciências da Saúde**, 2020.

LEÃO, Andrea Mendes et al. Prevalência e fatores associados à depressão e ansiedade entre estudantes universitários da área da saúde de um grande centro urbano do Nordeste do Brasil. **Revista brasileira de educação médica**, v. 42, n. 4, p. 55-65, 2018.

LIMA, Daniely Mara et al. Avaliação da prática da automedicação em acadêmicos do curso de Farmácia em uma instituição privada de ensino superior em Fortaleza-Ce. **Revista Expressão Católica Saúde**, v. 2, n. 1, p. 17-22, 2018.

MELO, José Romério Rabelo et al. Automedicação e uso indiscriminado de medicamentos durante a pandemia da COVID-19. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, p. e00053221, 2021.

MENDES, Bárbara Simão et al. COVID-19 & SARS. **Ulakes Journal of Medicine**, v. 1, 2020.

MENEZES, Carolline Rodrigues; SANCHES, Cristina; CHEQUER, Farah Maria Drumond. Efetividade e toxicidade da cloroquina e da hidroxicloroquina associada (ou

não) à azitromicina para tratamento da COVID-19. O que sabemos até o momento?. **Journal of Health & Biological Sciences**, v. 8, n. 1, p. 1-9, 2020.

OLIVEIRA, Antonia Gerlene De Lima; MORMINO, Karla Bruna Nogueira Torres. Os Riscos Da Automedicação No Tratamento Do Covid-19: Uma Revisão De Literatura. **Encontro De Extensão, Docência E Iniciação Científica (Eedic)**, v. 7, 2020.

Paulo GL, ZANINI AC. Automedicação no Brasil. **Rev Ass Med Brasil**. 1988; 34(2): 69-75.

PENA, Hugo Cardoso et al. Suplementação de vitamina d: uma estratégia no combate à covid-19?. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 3, p. 11134-11148, 2021.

POTT-JUNIOR, Henrique et al. Use of ivermectin in the treatment of Covid-19: A pilot trial. **Toxicology Reports**, v. 8, p. 505-510, 2021.

RANG, Rang et al. **Rang & Dale - Farmacologia**. Elsevier Brasil, 2016.

REBELO-MARQUES, Alexandre et al. A vitamina D nos Cuidados de Saúde Primários, a importância do seu doseamento e a sua suplementação. **Patient Care**, v. 22, p. 30-41, 2017.

SANTOS-PINTO, Cláudia Du Bocage; MIRANDA, Elaine Silva; OSORIO-DE-CASTRO, Cláudia Garcia Serpa. O “kit-covid” e o Programa Farmácia Popular do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, p. e00348020, 2021.

SECOLI, Silvia Regina et al. Tendência da prática de automedicação entre idosos brasileiros entre 2006 e 2010: Estudo SABE. **Revista Brasileira De Epidemiologia**, v. 21, p. e180007, 2019.

SEGATA, Jean. Covid-19: escalas da pandemia e escalas da antropologia. **Boletim Cientistas Sociais E O Coronavírus**, 2020.

SENHORAS, Eloi Martins. Coronavírus e o papel das pandemias na história humana. **Boletim De Conjuntura (BOCA)**, v. 1, n. 1, p. 31-34, 2020.

SILVA, Jefferson Noronha Bezerra et al. A Ivermectina Possui Ação Terapêutica Na Covid-19?. In: **Anais do congresso de geriatria e gerontologia do unifacig**. 2020.

SILVA, Jéssica Pacheco da; BATISTA, Larissa de Oliveira de. **Impactos da automedicação em tempos de pandemia COVID-19**. 2020.

SOARES, Carla Giovanna et al. ASSOCIAÇÕES ENTRE VITAMINAS E A COVID-19: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA. **Vita et Sanitas**, v. 15, n. 1, p. 113-121, 2021.

SOLÉ, Dirceu; MATSUMOTO, Fausto; WANDALSEN, Gustavo Falbo. Azitromicina em bronquiolite aguda. **Jornal Brasileiro de Pneumologia**, v. 46, n. 3, 2020.

SULLI, Alberto et al. Vitamin D and lung outcomes in elderly COVID-19 patients. **Nutrients**, v. 13, n. 3, p. 717, 2021.

TELBISZ, Agnes et al. Interactions of anti-COVID-19 drug candidates with multispecific ABC and OATP drug transporters. **BioRxiv**, 2020.

VASQUES, Marco de Agassiz Almeida et al. Abordagem profilática da nitazoxanida e ivermectina na COVID-19: sumário de evidências. **Comunicação Em Ciências Da Saúde**, 2020.

XAVIER, Myllena Alves et al. A efetividade da Ivermectina® na atenuação de vírus de RNA: uma alternativa para enfrentar o SARS-CoV-2. **Brazilian Journal Of Development**, v. 6, n. 7, p. 47400-47411, 2020.